



VOLTA ÀS AULAS: IMPASSES E DESAFIOS NO PÓS- PANDEMIA

Letícia de Sousa Coelho¹, Isabelle Rodrigues Bessa Silva², Isabelle Ingridy Bezerra³, Karynna Magalhães Barros da Nóbrega⁴,
karynna.magalhaes@professor.ufcg.edu.br

Resumo: O momento pós-pandêmico tem apresentado impasses e desafios no contexto escolar, provocando sofrimento psíquico individual e coletivo em virtude do confronto subjetivo com o fantasma do abandono. O nosso trabalho tem como objetivo proporcionar espaço de fala e escuta à comunidade da Escola Cidadã Integral Álvaro Gaudêncio, a fim de promover possibilidades de cuidado da saúde mental e transformação do mal-estar.

Palavras-chaves: *Psicologia Educacional, Psicanálise, Adolescência, Sofrimento Psíquico.*

1. Introdução

Em 2020, teve início a pandemia do novo coronavírus, que desencadeou uma crise sanitária em escala mundial, visto que o vírus apresenta alto poder de contágio e um crescente número de vítimas fatais. Tal fato acarretou em diversas mudanças sociais, como o isolamento como medida de prevenção.

Além disso, houve um colapso no âmbito da saúde e diversos impactos econômicos, como o aumento do número de desempregados, além da acentuação das desigualdades sociais.

No que tange às relações sociais, o distanciamento físico dificultou o encontro com o Outro, além de suspender e modificar os rituais tanáticos.

Nas famílias, novas lógicas se instalaram: alguns pais passaram a ter mais tempo com a presença dos filhos, os casais passaram a ter mais tempo juntos e as crianças deixaram de se deslocar até a escola e passaram a ter aulas *online*. A casa se transformou em um ambiente híbrido, unindo as tarefas escolares, o trabalho e o ambiente de descanso em um único espaço. Com essa proximidade, surge a dimensão do estranho familiar que promoveu alterações no laço social, como o aumento do número de separações entre os casais e, em contrapartida, o aumento de casamentos, por exemplo.

Giraldo (2020) [1], no artigo *Alguma consequência psíquica do confinamento*, adverte que a pandemia promoveu um abalo nas certezas e uma ruptura no ritmo da lógica capitalista de produzir, provocando um efeito de alívio, a princípio. Além disso, a pandemia e o confinamento colocaram a dimensão do saber em xeque: O que fazer? Como fazer? Já não temos um Outro a quem recorrer. Diante desses impasses, cada sujeito foi confrontado com a solidão e a angústia de ser reduzido a um corpo biológico em iminente contágio, podendo ser

vetor do vírus e tendo que lidar com a finitude, própria ou do outro.

Em *Lupa da Alma: quarentena revelação* (2020) [2], Maria Homem recolhe os diferentes nomes dos sofrimentos que se apresentam durante a pandemia, a saber: a insônia, a ansiedade, o tédio, a depressão, a angústia e surgimento de algumas compulsões, como o uso exacerbado do álcool e outras drogas, da comida, do sexo e das redes sociais. Além disso, a autora acrescenta o aumento dos atos violentos direcionados às crianças e às mulheres. Observamos então as saídas coletivas, bem como as singulares soluções para lidar com esse real.

Diante desse cenário, quais os efeitos do contexto pandêmico no contexto escolar? De acordo com a Unicef (2021), 3,8% das crianças e dos adolescentes de 6 a 17 anos deixaram de frequentar a escola em 2020. Desse modo, estima-se que 5,5 milhões de crianças e adolescentes tiveram seu direito à educação negado. Tendo como perfil característicos, na sua maioria, a população mais afetada no Brasil, ou seja, jovens da região Norte e Nordeste, pretos, indígenas e com deficiência, que durante a pandemia tiveram suas desigualdades ainda mais acentuadas. Tais dados revelam a problemática em torno dos impactos ocasionados na educação brasileira durante a pandemia, em especial e de modo mais ascendente para algumas realidades historicamente prejudicadas.

Percebemos que o pós-pandemia tem apresentado impasses e desafios na escola em virtude da transição do confinamento e das telas para o convívio presencial e entre vários, provocando novos modos de sofrimento individual e coletivo na escola, a saber: crise coletiva de ansiedade diante da realização das provas presenciais, ideação suicida e ingestão de medicação em sala de aula. Assim, percebemos um corpo que se encontra diante do sofrimento de sair da solidão das telas para o confronto com a presença da voz e do olhar do Outro.

Com a psicanálise, aprendemos que todas as relações são presenciais, que a escola é um espaço em que ocorre a primeira separação do Outro parental, o que possibilita a tessitura de novos laços sociais, pois a relação do aluno não se resume à sala de aula, expande-se para o corpo docente, os colegas, os funcionários, os gestores e até mesmo com o espaço físico da instituição. Sendo assim, é por meio dessa relação que se estabelece a socialização, essencial para o desenvolvimento

^{1,2,3} Estudantes de Graduação, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

⁴ Coordenador/a, Docente, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

sociocognitivo, além da transferência, essa relação de identificação inconsciente que permite ao aluno se colocar a trabalho em função do amor ao saber (Almeida, 2001) [4].

É função do professor, especialmente, mediar a relação entre o aluno e o conhecimento, tomando cuidado para não ceder ao engodo de exigir uma criança que tudo sabe, que por tudo se interessa e tudo produz, mas visando transmitir, por meio da transferência, o amor ao conhecimento e ao hábito de aprender. Dessa maneira, quais os impactos que o distanciamento do ambiente escolar trouxeram para o corpo escolar?

Diante dessas considerações, o nosso trabalho teve como objetivo proporcionar espaço de fala e escuta no contexto escolar a fim de promover possibilidades elaborativas e transformação do mal-estar em relação aos sintomas de sofrimento no pós pandemia, tendo como público alvo a comunidade estudantil da Escola Cidadã Integral Álvaro Gaudêncio. Utilizamos do dispositivo da conversação, além de atendimentos psicoterápicos individuais, sob a orientação da psicanálise, com professores, alunos e funcionários, quando demandado.

É importante ressaltar que o nosso campo de atuação foi uma Escola Cidadã Integral (ECI), que tem como características o funcionamento em tempo único (integral) e a formação dos jovens por meio de um currículo mais abrangente que o tradicional, levando os estudantes do Ensino Médio a desenvolverem também competências cognitivas e socioemocionais.

O vínculo com a ECI se deu através do contato de um professor com a orientadora do Projeto, no qual ele relatou que havia uma série de manifestações coletivas de sofrimento psíquico nos alunos, chamada pelos docentes de “crises coletivas de ansiedade”. Ao realizarmos um contato maior com o corpo de funcionários, percebemos também a demanda para desenvolver ações de cuidado com o corpo docente.

2. Metodologia

Diante do exposto, as atividades do projeto se dividiram em duas partes principais: conversações com alunos e com o corpo docente; e atendimentos psicoterápicos individuais. A conversação como metodologia, conforme Santiago (2008, p. 121) [5], é um dispositivo possível para a pesquisa-intervenção no âmbito que compreende a psicanálise e a educação. Essa metodologia torna possível a promoção do debate e promove reflexão e discussão viva entre os participantes a respeito de algum sintoma, que causa uma dificuldade na transmissão de conhecimento, vindo a produzir o mal-estar no sujeito.

Devemos advertir que a proposta da conversação não é a produção de um discurso coletivo comum em que se busca um consenso entre ambos, mas constitui-se na ideia de alcançar a singularidade de cada falante através da fala, abrindo um momento para a elaboração do mal-estar, gerando um espaço em que cada um possa dar vazão ao desejo e construa um saber sobre o que até então pensava não saber. Neste espaço, por meio da associação livre, se tem acesso à cadeia significativa, na qual cada sujeito presente em um ato espontâneo pode vir a contribuir, para que “um

significante convoca a outro significante”. Será a partir da fala que se espera englobar, através da transformação no processo de educar, a dimensão pulsional própria de cada um (SANTIAGO, 2008) [4].

A troca de experiência durante o método tem como efeito um voltar-se para si, para a compreensão do ponto de impossível em cada falante. Esse momento se mostra capaz de produzir, de maneira inédita, um efeito de saber, onde algo possa vir a se inventar.

Ainda sobre a forma como a Conversação se desenvolve, ela não possui pautas específicas ou mesmo roteiros que venham a direcionar a fala dos participantes. Tal metodologia “parte-se do sintoma- ou seja, daquilo que não vai bem” (SANTIAGO, 2008 p. 123). Em outras palavras, é a partir das demandas, aquilo que explicita o que vem se caracterizando como o “impossível”, tanto para os professores na intenção de ensino, quanto para os alunos na perspectiva de aprendizado, surgindo uma nova pauta a ser abordada. Pode-se dizer que um dos diferenciais da *Conversação* é a análise e intervenção na situação a partir das demandas geradas pelos próprios participantes e não de forma vertical.

Já os atendimentos individuais ocorriam sob demanda, com alunos, professores, funcionários e pais e/ou responsáveis, na perspectiva da psicanálise de base lacaniana.

3. Resultados e Discussões

As atividades do projeto foram executadas por discentes do curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) na Escola Integral Cidadã Álvaro Gaudêncio, localizada no município de Campina Grande - PB.

Durante as atividades, pudemos recolher que o ano de 2022 apresentou um duplo desafio para a educação, uma vez que os jovens precisavam superar as adversidades ocasionadas pela pandemia em termos econômicos, sociais e/ou educacionais, além da adaptação ao Ensino Integral da Escola Cidadã, que conta com turnos das 07 horas às 17 horas para aulas, atividades recreativas e de esporte. Tal impacto foi sentido e representado pelo cansaço e desânimo tanto dos professores como dos alunos, por terem que se adaptar a uma rotina e a um sistema de ensino diverso.

Iniciamos os trabalhos em três frentes: conversações com os alunos dos terceiros anos, conversações com os professores e os atendimentos individuais.

3.1 Conversações com os alunos

A indicação para os concluintes serem os primeiros a participarem das atividades foi dada pela coordenadora pedagógica da ECI, visto que o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) - atualmente a forma mais comum de ingressar no ensino superior público - estava próximo e os alunos relataram receio com essa proximidade. Os discentes do último ano são divididos em quatro turmas (A, B, C e D), cada uma com aproximadamente 40 jovens. No primeiro encontro, além do momento de apresentação - do projeto, das extensionistas e dos alunos - houve o recolhimento das

demandas de cada turma e, a partir disso, um planejamento foi criado.

Um tópico que se repetiu em todas as salas foi a aproximação do vestibular e a indecisão ou o desconhecimento sobre o que fazer, por isso, criamos uma oficina intitulada “O que fazer depois que acabar o ensino médio? Carreira, profissão e mercado de trabalho”. Nela trabalhamos as diferentes possibilidades de vida no período pós-escola, como ensino superior (diferenças entre universidades públicas e privadas, programas de assistência estudantil, cotas), cursos técnicos, empreendedorismo e concursos públicos, de modo a dar lugar aos sentimentos e emoções gerados pelo tema.

Além disso, enfatizamos também a importância de não tomar esse momento da vida como algo intangível e imutável, demonstrando que há espaço para indecisão, para mudança e até mesmo a escolha de não seguir por esse caminho, estando abertas as possibilidades para traçar essa trajetória da maneira que lhe for necessária.



O QUE FAZER DEPOIS QUE ACABAR O ENSINO MÉDIO?
Carreira, profissão e mercado de trabalho

Figura 1 - Arte da oficina realizada com os alunos dos 3º anos



Figura 2 - Registro de uma das oficinas com os alunos e as extensionistas

A partir do terceiro encontro, cada turma direcionou suas demandas para um lugar diferente: na turma “C”, os alunos demandaram conhecer mais sobre as possibilidades de cursos no ensino superior, então convidamos alguns estudantes de diferentes áreas para realizar rodas de conversa sobre diferentes atuações no mercado de trabalho e, logo após, recolhemos as impressões e reverberações geradas a partir das experiências. Já na turma “A”, existiam alguns conflitos na convivência entre pares, tema que foi abordado e trabalhado, bem como os impactos emocionais da pandemia.

Nas turmas “B” e “D” os alunos demonstraram interesse em discutir sobre a adolescência. Realizamos então uma oficina utilizando a técnica da Tenda do Conto

[5], onde cada aluno trouxe para o momento em questão um objeto que lhe remetia a essa fase. Durante o compartilhamento das experiências vivenciadas o tema da pandemia acaba surgindo, haja vista a quantidade de alunos - praticamente todos - que atravessaram a adolescência em isolamento e distanciamento social.

Nesse momento, os estudantes relataram as modificações que ocorreram em suas vidas durante esse período. Dentre elas, identificamos: mudança de cidade/estado, mudança de escola, alterações no comportamento como o desinteresse em sair de casa ou de frequentar lugares com muitas pessoas, descobertas de novos hábitos e hobbies como pintar, jardinagem, fotografia e leitura. Além disso, alguns alunos relataram a aproximação com os familiares com quem dividiram a casa bem como a perda de entes queridos.

No geral, pudemos constatar a presença de sentimentos e questões característicos da adolescência, como mudanças corporais, relações com a família, com a escola, com o futuro, mas, sem dúvidas, a pandemia foi um divisor de águas e uma marca que se inscreveu no psiquismo dos alunos, cada um a sua forma.

Como uma maneira de encerrar as atividades com as turmas concluintes, realizamos uma oficina sobre estratégias de cuidado para o ENEM, na semana que antecedeu a prova, na qual discutimos a preparação emocional e psicológica para o momento tão aguardado.



Figura 3 - Arte da oficina para preparação para o ENEM realizada com os alunos dos 3º anos

3.2. Conversações com os professores

Já as conversações com os professores foram realizadas com os docentes do ensino médio que demonstraram interesse, estando presente professores das áreas de humanas e exatas. A queixa inicial dos professores se apresentava diante dos desafios da escola integral no período de readaptação do ensino pós-pandemia. Desse modo, relatou-se o déficit escolar dos alunos, haja vista as dificuldades na aprendizagem e na realização de atividades como trabalhos, provas e até mesmo na participação durante as aulas, além da falta de interesse ao saber transmitido pela escola e pela figura do professor.

As conversações ganharam um aspecto de desabafo e construção de um diálogo frente à angústia e ao cansaço que era compartilhado por todo o grupo. Além do desejo de ganharem um lugar de escuta no espaço de trabalho que os exigia, profissionalmente e pessoalmente.

As principais queixas giravam em torno do cansaço, do desânimo e falta de colaboração dos alunos dentro da esfera do ensino integral, além da necessidade de auxiliá-los devido ao atraso escolar percebido. A angústia estava em torno do não saber fazer diante de um processo de readaptação e reconstrução de um novo modelo de ensino tanto em relação ao sistema integral quanto ao retorno pós-pandemia, que mostrou novas adversidades.

Dessa forma, os encontros debruçaram-se em torno de um saber fazer diante de tais problemáticas, na tentativa de construir um possível na presença do comprometimento profissional e do desejo de superar os obstáculos. Nos encontros, havia um momento em que cada um compartilhava um pouco de suas experiências e ideias. No encerramento, chegávamos a uma conclusão um tanto promissora de que as coisas poderiam melhorar, além do espaço de descarga afetiva diante do estresse e do cansaço.

A última conversação foi um fechamento de ideias e compartilhamento das questões em volta da educação, mas também em torno de um desabafo íntimo envolta das questões pessoais de cada professor que sentiu a necessidade de transformar aquele espaço de escuta para eles enquanto sujeitos. O encontro foi marcado pela afetação dos testemunhos e pela gratidão expressa por todos diante da possibilidade de poderem falar e se expressarem de modo livre.

Tabela I - Conversações com os professores

Encontros	Temas
1º Palavras soltas	Educação
2º Partilhar as experiências	Desafios pós-pandemia
3º O que fazer com isso?	Soluções e ideias
4º Tempo de concluir	Testemunho pessoal

3.3. atendimentos individuais

Os atendimentos individuais para acolhimento das demandas subjetivas ocorriam no ambiente escolar. Cada aluno teria direito a três atendimentos. Primeiramente, visitamos as salas de aula explicando aos alunos como funcionaria essa modalidade de atendimento, pedindo que, caso houvesse o interesse, preenchessem o seu nome completo juntamente com a

série ao qual pertencia. Conforme a ordem de preenchimento, a coordenadora da instituição nos encaminhava os alunos. Semanalmente, discutimos os casos em supervisão com a orientadora responsável pelo projeto a fim de nos orientarmos acerca das intervenções a serem realizadas diante da especificidade de cada quadro.

Os atendimentos eram realizados em salas improvisadas, como a sala de música, pois a escola não poderia, por questões estruturais do espaço, ceder uma sala especificamente para a equipe de Psicologia. Tal fato coloca para nós a importância de adaptação diante das contingências ao qual o trabalho nos coloca.

Em termos quantitativos atendemos cerca de 10 alunos, em sua maioria do sexo feminino, entre 15 e 17 anos. As queixas apresentadas nos encontros giravam em torno do cansaço em relação ao modelo de ensino integral, a angústia em relação aos conflitos familiares vivenciados no presente ou no passado, o incômodo com o corpo e a autoimagem, bem como as inseguranças diante do apaixonamento e enamoramento. Além disso, atendemos também alunos com diagnóstico de ansiedade, depressão e automutilação, que já haviam sido contemplados com acompanhamento psicológico anteriormente e que, na maior parte dos casos, por questões financeiras, encerraram o tratamento.

Observamos a difícil realidade experienciada por grande parte dos alunos, que desde muito cedo foram expostos a violências familiares e a violação de direitos, além da desigualdade social. Identificamos uma certa naturalização dos problemas vivenciados e do sofrimento psíquico, e apontamos tal comportamento como uma maneira encontrada pelo sujeito para lidar com a situação, da maneira que lhe foi possível e com os recursos disponíveis.

Em nossas intervenções, procuramos fazer com que o sujeito conseguisse enxergar uma alternativa diante do sofrimento vivenciado. Por não haver mais tempo para nos dedicarmos a uma maior elaboração das queixas relatadas, dedicamos a realização de intervenções breves e diretivas.

4. Conclusões

Ao final dessa rica experiência, passamos por uma reunião de avaliação com a equipe da escola, para pensarmos nas intervenções desenvolvidas e em suas consequências. Foi relatada uma percepção de melhora dos alunos, inclusive alguns que diretamente relataram que se sentiam acolhidos por saberem que poderiam contar com o Serviço de Psicologia, demonstrando a importância do Projeto para a comunidade e, consolidando-se como uma fonte de aprendizado para as extensionistas.

5. Referências

- [1] GIRALDO, M. C. Algumas consequências psíquicas do confinamento Revista Latusa 25 – IMPOSSÍVEL TIRAR O CORPO FORA: Exílios e Confinamentos
- [2] ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. Psicanálise e educação: revendo algumas observações e hipóteses a

respeito de uma (im)possível conexão.. In: COLOQUIO DO LEPSI IP/FE-USP, 3., 2001, São Paulo

[3] Cultura do fracasso escolar afeta milhões de estudantes e desigualdade se agrava na pandemia, alertam UNICEF e Instituto Claro. Unicef, 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/cultura-do-fracasso-escolar-afeta-milhoes-de-estudantes-e-desigualdade-se-agrava-na-pandemia>. Acesso em: 17/02/2023.

[4] SANTIAGO, A. L. O mal-estar na educação e à Conversação como metodologia de pesquisa: intervenção em Psicanálise e Educação. In: CASTRO, Lucia Rabello de; BESSET, Vera Lopes. **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2008. p. 113-131.

[5] FÉLIX-SILVA, Vladimir; et al. A tenda do conto como prática integrativa de cuidado na atenção básica – Natal: Edunp, 2014. 78p

Agradecimentos

À Escola Cidadã Integral Álvaro Gaudêncio pelo suporte, disponibilidade e colaboração no desenvolvimento das atividades.

À UFCG pela concessão de bolsa por meio da Chamada PROPEX 003/2022 PROBEX/UFCG.